

SE DEUS É
AMOR
× NÃO SEJA UM ×
IDIOTA

Encontrando uma FÉ que nos
torne SERES HUMANOS MELHORES

JOHN PAVLOVITZ



ALTA BOOKS
GRUPO EDITORIAL
Rio de Janeiro, 2022

SUMÁRIO

Introdução	
1. Você Só Tinha um Trabalho a Fazer	1
2. Deus Fora da Caixa	9
3. Histórias de Ninar Assustadoras	23
4. A M*rda Nunca É Resolvida	35
5. Não Serás um Idiota	47
6. O Cara Prevalece	59
7. Made in America	67
8. Ah, Não, Que Inferno!	77
9. Deixe-os Comer o Bolo	87
10. Deus à Nossa Imagem	99
11. Bom Livro, Martelo Ruim	109
12. GodFundMe	117
13. Trabalho Interno	129
14. Um Movimento Semi-pró-vida	141
15. Santa Ferocidade	151
16. Ame Seu Próximo, Droga!	159

x **SUMÁRIO**

17. A Igreja Não Ser Horrível	175
18. Arrogância e Moralidade	189
19. O Evangelho Segundo Você	199
Guia de Discussão	209
Agradecimentos	217
Notas	221
Índice	225

AMOSTRA

Capítulo 1

DEUS FORA DA CAIXA

“Oh, não — Estou preso nessas calças.”

Esse foi o primeiro pensamento que tive, enquanto me movia loucamente dentro do meu closet. Provavelmente, soa tão ridículo para você agora quanto na minha cabeça naquele momento. A situação havia se deteriorado rapidamente. Apenas cinco minutos antes, eu estava remexendo tranquilamente nos limites externos do meu cabideiro, longe da seção do meio, onde as roupas inadequadas para humanos respeitáveis definham por anos na poeira e na escuridão, antes de finalmente serem despejadas em caixas de papelão ou sacos de lixo e condenadas a passar seus dias restantes no sótão ou na garagem. Enquanto uma série de decisões de moda, antes sensatas (e agora tragicamente cômicas), passavam por mim, parei de súbito quando, de repente, me encontrei cara a cara com uma amiga de 30 anos: um par de jeans femininos que comprei na Cherry Hill Mall, no sul de New Jersey, em 1988. (Nota do autor: eu tinha 20 anos de idade, uma juba longa e luxuosa de cabelos castanhos grossos e naturalmente encaracolados — e, como o cantor de “hair band” local, como era carinhosamente conhecido, não havia nada de incomum em fazer compras numa loja de roupas femininas.)

Enquanto olhava com reverência para a gloriosa relíquia lavada com ácido da minha enlouquecida juventude, de repente, uma voz em minha cabeça, muito parecida com a minha, disse, “sabe, aposto que ainda cabe”. Tal qual a astuta serpente tentando Adão e Eva no paraíso, a voz me desafiou a ir adiante. “Vamos... experimente.” Com 51 anos de idade, ainda me considero em boa forma, então respondi com otimismo ingênuo, “por que não?”.

Estava prestes a ter uma resposta definitiva.

As coisas começaram de forma bastante promissora. Abaixei-me e agarrei o cóis, entrei nos pequenos buracos das pernas que facilmente atravessaram meus tornozelos, mas, quando cheguei às minhas panturrilhas, percebi que estava com problemas, pois o progresso diminuiu substancialmente. Destemido, dobrei minha determinação e continuei (o que acabou sendo uma ideia realmente terrível). Logo estava me contorcendo de forma descontrolada e minha respiração ficou visivelmente difícil, enquanto eu tentava me forçar até o que, rapidamente, se tornou um par de tripas de salsicha humana azul-clara. Quando esses esforços provaram-se inúteis, comecei a pular violentamente como um participante estacionário de uma corrida de sacos, esperando que a contundente força da gravidade empurrasse minhas coxas pelo resto do caminho através do espaço fornecido, agora óbvia e lamentavelmente subdimensionado. Após quatro ou cinco suspiros desesperados, senti uma rajada de ar de repente, me selando a vácuo, e pousei no chão, misericordiosamente. Fiquei ali, com o peito arfando e a testa transpirando, como se tivesse acabado de completar um treinamento cardiorrespiratório de alta intensidade e, inicialmente, me sentindo satisfeito comigo mesmo — no entanto, qualquer satisfação foi apenas uma vitória momentânea, pois senti o cóis elástico cavando fortemente a minha pele e minhas

pernas começaram a perder rapidamente a sensibilidade, devido à falta de fluxo sanguíneo. Foi então que cheguei a três percepções preocupantes: (1) eu não tinha mais 20 anos, (2) eu ainda não tinha soltado todo o ar e (3) eu não sairia das calças sozinho.

Dizem que o primeiro passo para conseguir ajuda de qualquer tipo é admitir que você tem um problema. Eu poderia dizer, pela tensão substancial na qual minhas extremidades inferiores estavam, que se eu tentasse me sentar naquele momento certamente teria desencadeado uma explosão poderosa, enviando pedaços de elastano para todos os cantos do nosso closet. Em um bem-vindo momento de humildade sóbria, relutantemente, pedi socorro. Ouvindo meus resmungos distantes e abafados, minha mulher e meus filhos correram dos outros cômodos da casa, achando que, pelo desespero em minha voz, eu tinha sofrido uma queda feia ou um ataque cardíaco — e, em vez disso, foram recebidos por um homem adulto preso em suas próprias calças femininas. Depois de me ajudarem a me libertar, todos rimos às minhas custas e, quando voltei a sentir minhas pernas, coloquei as calças (que agora tinham voltado ao seu tamanho normal) de volta no cabide. Eu ainda não estava pronto para me despedir delas.

Se eu tivesse perecido naquele closet, a causa de minha morte seria *Lycracite não intencional causada por arrogância imprudente*. Seria um caso clássico de erro do usuário. Ninguém culparia as calças. Elas podem ter funcionado lá atrás, quando as comprei, mas certamente não foram desenhadas para me segurar 30 anos depois e com 10cm a mais de circunferência. Eu não deveria mais caber nelas e não deveria ter tentado. É assim que você se encontra em perigo no armário do seu quarto.

Esta tem sido minha jornada espiritual na última década e meia: tentar desesperadamente enfiar minha crença em um espaço no qual ela não era mais capaz de se encaixar, esperando que pura vontade, um pouco de negação e muito pensamento positivo me permitissem ficar em algo que eu havia superado há muito tempo, mas não conseguia admitir que ela não se encaixava mais. Há um hino que as pessoas da igreja cantam juntas há décadas: *Gimme that ol' time religion, it's good enough for me* [Me dê aquela religião das antigas, ela é boa o suficiente para mim, em tradução livre]. (Longe de ser uma forte declaração, a propósito.) Mas o que você faz quando a religião das antigas já *não é* boa o suficiente para você, quando *boa o suficiente* é muito menos do que você está procurando nos recessos mais profundos do seu coração? Se eu for honesto, quanto mais eu vivia minha vida adulta, quanto mais estava aberto a ser surpreendido, mudar minha mentalidade e a considerar melhor as histórias sobre questões espirituais, mais a religião organizada se tornou um exercício de rendimentos decrescentes: Deus ficando progressivamente maior, enquanto o espaço que criara para contê-lo se tornou cada vez mais restritivo e sufocante. Quando você se encontra nesse novo espaço limitado, o medo e a culpa podem ser esmagadores e isso pode fazê-lo congelar. Durante anos, como pastor da igreja local, permaneci onde estava (literal e figurativamente), fosse porque pensei que algo teria que mudar se eu orasse o suficiente, fosse porque talvez eu estivesse aterrorizado demais para enfrentar a realidade de que minha fé estava mudando — mas a pressão era profunda e constante. Algo que deveria ser estimulante, de repente, fez com que fosse difícil de respirar.

Você não precisa ser um pastor ou cristão para entender a claustrofobia espiritual, porque ela é consistente em qualquer crise existencial e é mais comum do que a maioria de nós admite ou percebe. Em minhas viagens online e pelo país, conheci milhares de pessoas igualmente *espremidas*: seres humanos que ainda anseiam

apaixonadamente pela maravilha das buscas espirituais genuínas e pelos espaços transformadores da comunidade amorosa, mas que não estão encontrando essas coisas nas histórias, nos sistemas e nas estruturas religiosas de suas infâncias. Agora que estão envelhecendo, estão deixando de lado as teologias de segunda mão que herdaram, e que não são mais úteis, e procurando algo que se encaixe com eles hoje. Atualmente, os domingos são diferentes para eles, assim como a igreja e Deus, mas o anseio ainda está lá e a aflição ainda dá nó em suas entranhas. Eles podem estar perdendo sua antiga religião, mas não perderam a fome de encontrar espaços sagrados, enfrentar questões persistentes, viver em comunidades de justiça, ver realidades mais profundas do que o superficial ou participar de algo maior do que eles mesmos — e é aqui que começa a jornada para uma religião mais amorosa: aceitar suas questões, descartar velhas histórias, ser humilde o suficiente para começar de novo.

**UMA CAIXA
RÍGIDA PARA DEUS**



**UMA FÉ RÍGIDA,
CONGELADA**

Quando as pessoas dizem “eu sou espiritual, mas não religioso”, normalmente é uma forma de dizer “eu superei minha caixa de Deus e, atualmente, estou procurando por uma maior”. Elas estão dizendo a você que saíram, voluntariamente ou despejadas, do lugar que elas chamavam de lar, a geografia de sua antiga fé. Elas são pródigos errantes por escolha ou necessidade. Talvez tenham descoberto uma diferença irreconciliável com uma posição teológica em sua tradição de fé, ou ficaram exaustas de obter silêncio da congregação frente à injustiça, ou simplesmente acordaram um dia e perceberam que não podiam rezar como costumavam — algo tinha que mudar. Eu acho que a maioria das pessoas de fé honesta, todos os peregrinos sinceros e muitos seres humanos introspectivos, que

são esmagados pelos profundos mistérios desta vida (e o que quer que aconteça além de seu encerramento), estão procurando por um Deus maior e por uma expressão tangível de bondade que pareça ser proporcional a esse Deus. Todos queremos algo *inacreditável* para acreditar — algo que seja muito grande e capaz de nos surpreender, que esteja sempre um pouco fora de alcance e um pouco além de nossa capacidade de compreensão — e queremos algo que nos torne, e a todos à nossa volta, pessoas melhores. Se não for assim, provavelmente não vale o nosso tempo.

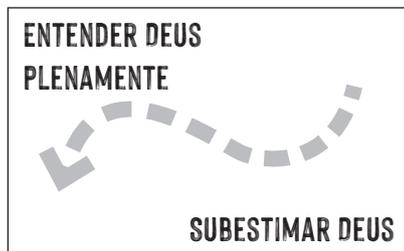
No momento em que alguém lhe diz que tem essa vida espiritual bem resolvida, é um sinal de alerta de que está mentindo para você ou para si. Este livro é para o resto de nós: os inquietos, os perturbados, os não convencidos e até mesmo os que se opõem de maneira desafiadora; é para as pessoas que querem mais amor do que encontraram na religião institucionalizada. Eu acho que, se estivéssemos praticando a fé da maneira certa, nós deveríamos ter alcançado nosso objetivo. Evoluir espiritualmente sempre dará às pessoas o desejo de renovar seu sistema atual de crenças, sempre as levando a superar suas atuais suposições sobre o mundo, e isso melhorará para sempre a sua capacidade de mudança. Essa expansão é necessária. Mas a religião estrita geralmente diminui tudo ao longo do tempo — até o dia em que tudo estoura.

Alguns meses atrás, recebi um e-mail desesperado de minha amiga Tiffany, em que dizia que ela precisava falar comigo o mais rápido possível. Isso não era normal, a urgência incomum de sua mensagem me levou a pegar o telefone. “Estou em queda livre”, disse ela, quase imediatamente, e continuou com rapidez, sua voz falhando, “sinto que não tenho chão”. Então, o silêncio, quebrado apenas por silenciosas fungadas. Eu conhecia bastante o passado de Tiffany: uma vida evangélica, cresceu na região batista do sul do Texas, ela sempre teve uma caixa de Deus organizada e claramente definida e um conjunto de Escrituras que ela usava como um

rudimentar kit de primeiros socorros para si e para os outros. Na faculdade, ela conheceu Scott, um pastor estudantil local e — como uma boa e respeitável batista do sul — logo ela se tornou a esposa de um pastor batista do sul. Durante anos, tudo estava perfeito (ou, ao menos, funcionou para ela, dada a história que eles contaram a si mesmos), até que ela começou a ver rachaduras finas se formando no alicerce do que ela acreditava. As mensagens cada vez mais explosivas de seu pastor sênior sobre os males da “agenda gay” e o silêncio de sua igreja como resposta a uma nova onda de legislação da lei de banheiros começou a entrar em conflito com o público LGBTQ que ela conhecia e passou a amar. Como sempre acontece, à medida que crescemos e obtemos histórias melhores, a vida começa a bater de frente com a nossa teologia — e Tiffany estava no meio daquele desacordo cada vez mais acalorado com seu antigo eu. Nos últimos anos, ela gradualmente cortou muitas das amarras de sua narrativa religiosa anterior, que a princípio parecia libertadora; isso é, até que seu casamento começou a dar errado e sua filha mais nova ficou muito doente. No passado, durante as crises emocionais, financeiras e no relacionamento, ela foi para os locais familiares de refúgio religioso — e eles não estavam mais dando certo.

Tiffany disse, “antes, quando as coisas iam mal, a minha história de fé (muito específica) era onde eu podia me apoiar. Minha imagem de Deus, meus versículos bíblicos favoritos, as orações-padrão, o retorno uniforme e minha família da igreja eram todos reconfortantes”. Sua voz ficou mais desesperada quando os soluços a interromperam. “Agora que eu não tenho mais isso tudo — a que devo recorrer? Às pessoas? A mim? Aos remédios? Não sei mais no que me apoiar! Eu apenas sinto que estou à deriva.”

Tiffany sentia a dor crescente de uma espiritualidade em expansão, de superar a caixa. Ela abandonou a doutrina religiosa restritiva de sua infância e início de vida adulta e descobriu que o minúsculo recipiente teológico não era mais o suficientemente gran-



de para suas crenças; mas, em um momento de trauma, ela lutou para encontrar um substituto adequado. Ela estava e está vivendo com uma nova desorientação — uma com a qual provavelmente deveríamos nos acostumar.

Se encontrarmos um Deus maior, um que nos torne mais amorosos, temos que admitir e encarar duas realidades fundamentais. A primeira é que a *religião pequena é um problema*. Ela é a culpada da asfixia e a fonte de nossa frustração, porque tende a prosperar na separação e gera exclusão. Todos já vimos e experimentamos a religião pequena, então pode ser a mais fácil das duas verdades a se considerar. A segunda, e muito mais desafiadora, realidade é que *toda religião é uma religião pequena*: a sua, a minha, aquela das pessoas que você admira e daquelas que você não suporta, as das tradições que você mantém e as que você rejeitou há muito tempo. Um Deus que nossos cérebros e estruturas podem suportar totalmente não é grande o suficiente para ser verdadeiramente Deus. No momento em que imaginamos uma caixa rígida de tamanho adequado, capaz de conter *o quem, o quê, o como e o porquê* de tudo o que é, já foi ou pode ser, é quando encolhemos todas as respostas às perguntas elementares em algo que não é mais do tamanho de Deus. Se pudermos entendê-LO completamente, Ele deixa de ser digno de nossa reverência.

Ao escrever para a sua igreja, há 2 mil anos, e para aqueles que o seguiriam em sua jornada, o apóstolo Paulo redige uma oração para que nós, como pessoas de fé, possamos “compreender a largura, o comprimento, a altura e a profundidade do amor de Cristo e conhecer este amor que excede todo conhecimento — para que sejas cheio de toda a plenitude de Deus”.¹ Parece tanto uma bela aspiração quanto uma tarefa impossível. Se não há mais mistério em

nosso sistema de crenças, precisamos nos mudar para um espaço que o acomode. Não importa o quão fervorosamente tenhamos orado ou pesquisado, o quão diligentemente tenhamos estudado ou quão seguros de nós mesmos estejamos atualmente — estamos errados parcial ou substancialmente. Qualquer que seja a composição de Deus, não temos capacidade de capturá-lo por completo nas mentes com as quais estamos equipados. Nenhuma tradição religiosa, denominação específica e, certamente, nenhum ser humano pode se ajustar a ele. São apenas as velhas calças apertadas que não conseguem reter o usuário pretendido. Não é fácil para bons religiosos admitirem, especialmente quando a maioria de nós foi criada com a *certeza* como virtude e a *dúvida* como pecado mortal. Fomos condicionados a não somente acreditar, mas a fazê-lo sem hesitação, reserva ou alteração — mas isso nunca foi realmente o plano ou a expectativa. Jesus esteve cercado de pessoas que não conseguiam banir a descrença mesmo com ele perto o suficiente para tocá-lo; são pessoas que tiveram dificuldade em amar bem os outros, mesmo com um exemplo tangível diante delas. Talvez devêssemos nos permitir um tempo por relutar, tendo 2 mil anos entre nós.

Minha tradição religiosa formativa foi o cristianismo, e você ouvirá muitas referências a Jesus e histórias da Bíblia aqui, mas não se trata de combinarmos teologicamente; se trata de nos esforçarmos para alcançar um lugar mais expansivo e compassivo do que começamos — afinal, o objetivo foi sempre esse. O Novo Testamento registra Jesus ensinando às pessoas sobre a necessidade de colocar seu ensinamento sobre “vinho novo” em “odres novos”, não os velhos frágeis e rígidos odres com os quais estavam acostumados.² Ele estava pedindo às pessoas que tivessem mentes e imaginação flexíveis o suficiente para considerarem um Deus além daquele em que acreditavam atualmente ou dos sistemas que herdaram — e para se estender a pessoas com quem nunca se envolveram amorosamente

antes. A maior parte dessa plateia inicial era um grupo de crentes judeus devotos e oprimidos que aguardavam, com paciência e por centenas de anos, pelo que esperavam ser um guerreiro conquistador para libertá-los, à força, de gerações de servidão e opressão. Ao pedir-lhes que abracem um pobre pregador de rua itinerante, que lhes pediu para serem “servos de todos”, Jesus os convidava a uma heresia desapontante, chocante — porém necessária. Seu movimento revolucionário de amor sacrificial muitas vezes o envolvia, estabelecendo um contraste entre a história antiga de pessoas religiosas e uma melhor, que ele estava escrevendo para eles: “Você já ouviu dizer... mas vou te contar...”³ O gentil desafio de Jesus sempre atraiu aqueles de nós que estavam dispostos a dar ouvidos ao desconforto que vem com a expansão de nossa compreensão de quão grande é o amor do qual estamos falando aqui, e quais as implicações em nós: a forma como vivemos e nos movemos pelo mundo, o tipo de bondade audaciosa que estamos sendo solicitados a praticar.

A princípio, todo esse repensar religioso parece uma traição, uma rebelião espiritual, e muitas vezes resistimos para ficarmos no conforto da segurança e livres de culpa, mas há algo restaurador fora do lugar onde começamos. Todas as nossas tradições de fé iniciais são válidas e significativas. Elas podem nos dar uma linguagem de trabalho com a qual falar sobre os mistérios desta vida. Mas quem e o que quer que Deus seja, ele não as *exige*. A religião não é necessariamente ruim, corrupta ou inútil (com frequência, muito pelo contrário), mas sempre é subdimensionada para a tarefa em mãos. A religião faz o melhor para nos dar palavras que descrevam algo para o qual elas não estão equipadas. Jesus não pediu às pessoas para se inscreverem em uma religião, porém as convidou para um modo de ser no mundo individual e coletivo, um modo de ser que está enraizado em um amor propulsor pela humanidade. Passei a

sentir muita pena das pessoas cuja religião parece estabelecida e acabada, aquelas que sistematizaram e encolheram tanto sua espiritualidade que não mais questionam, nem sonham ou imaginam.

Você nasceu sem uma caixa para Deus. Você provavelmente sabe disso, mesmo que tenha esquecido: você conheceu Deus antes de ter um recipiente religioso. Você experimentou beleza e maravilha sem precisar de uma igreja, um versículo bíblico ou um pastor para lhe explicar, e não precisa disso agora. Não estou dizendo para você abandonar, necessariamente, sua fé tradicional, ou que esta é pouco saudável para você — mas *estou* lhe dizendo que a sua tradição de fé é incompleta, em última análise, e que não pode abrigar sozinha o que quer que nos mantenha todos juntos. Admitir que isso não é um motim teológico é encontrar a humildade necessária para abraçar algo maior do que sua caixa preferida. Sua própria evolução atesta a inevitabilidade de superar seu antigo eu. Você provavelmente não acredita no que acreditava há vinte, dez ou mesmo cinco anos. (Pelo menos, espero que não.) Você provavelmente chegou a uma compreensão, de fundamental diferença, sobre coisas como a mudança climática, a imigração, o casamento entre pessoas do mesmo sexo ou a pena de morte, à medida que desenvolveu novos relacionamentos; isso ocorre ao acumular mais experiências de vida e ser educado pela exposição a novas ideias. Espero que você tenha passado por algum tipo de transformação de perspectiva, porque, caso contrário, isso provavelmente significa que você não aprendeu nada de novo nesse período. A espiritualidade deve ser um desdobramento contínuo. Novas informações sempre alterarão nossa visão de mundo, desafiarão nossas crenças, nos deslocarão de uma antiga posição profundamente arraigada — e nos surpreenderão ao vir sem a embalagem antiga.

Recentemente, fiz um retiro de escrita de três dias em uma praia aqui na Carolina do Norte. O oceano é medicinal para mim. Ele ajuda a silenciar os barulhos que vivem normalmente em minha cabeça, todo o turbilhão de preocupações, medos, obrigações e más notícias. Como sempre, esperei o fim do dia para descer até a costa, quando o sol começou a se pôr e a maioria das pessoas foi para suas casas e seus quartos de hotel após um longo e exaustivo dia de absorção de raios UV. Esse momento, geralmente, me permite ter muito da praia para mim e, para um introvertido de nível elevado, que passa muito tempo na frente de multidões, a distância é, muitas vezes, bem-vinda. Atravessei as dunas com uma mochila e uma cadeira de lona no ombro, esperando ver uma vasta extensão aberta de areia e água; em vez disso, fui saudado por um grupo de quarenta ou cinquenta pessoas estendidas em uma linha das dunas até a costa. A curiosidade imediatamente me levou até elas, e logo pude ver que todas estavam olhando para um único ponto aos seus pés. Percebi o que era: quase literalmente tropecei em uma iminente incubação de tartarugas marinhas. Alguns segundos depois, encontrei meu lugar na fila de recepção improvisada e me ajoelhei na areia, ombro a ombro com estranhos, minha cabeça a poucos centímetros da trincheira estreita que os voluntários haviam escavado recentemente — e esperei.

Por duas horas, não houve um movimento discernível, até que de repente houve uma mudança infinitesimal nos grãos na superfície, depois outra e outra. E, quase imediatamente, dezenas de pequenas formas negras iluminadas apenas pela lua romperam a areia e fizeram sua primeira e desajeitada jornada ao oceano implacável e agitado, enquanto cinquenta estranhos as incentivavam em silêncio. Houve lágrimas, abraços, cumprimentos e aplausos em toda parte. Não consegui escrever muito. Não consegui um tempo sozinho. Não fiz nenhum progresso neste livro. Não consegui a noite solitária que planejei. Eu consegui algo melhor.

Religiosos falam com frequência sobre as *coisas pequenas*, esses raros momentos em que o muro entre a humanidade e o divino se torna uma casca de cebola, através do qual podemos ver algo. Neste momento, aquele pequeno caminho de areia, água e luz da lua transparecia o sagrado. Foi um momento sagrado, um clarão súbito no meio das nuvens.

Sem um hino, oração, banco de igreja ou ministro, Deus se fez presente e próximo. Foi uma *experiência religiosa* no maior sentido das palavras. Não podia ser quantificado ou contido, e a esmagadora paz do momento não pode ser descrita com a precisão que eu gostaria. Aquilo foi Deus fora da caixa. Foi a divindade cavando-se para fora da areia. Era uma bela evolução, sair da casca. Você sabe como é isso — uma admiração que escapa à descrição ou à explicação —, não sabe?

Quando vivemos momentos que identificamos como espirituais, milagrosos ou transcendentais, eles raramente estão ligados à religião organizada ou a um único edifício, e raramente são confinados a um culto na igreja ou estudo bíblico. Não há porta pela qual precisemos passar, um limiar que precisemos atravessar para encontrar coisas de tirar o fôlego ou causar arrepios. Apesar de nossa visão de mundo religiosa, ou de nossa teologia praticada, todos podemos reconhecer o tipo de sacralidade das experiências díspares desta vida: estar no meio da multidão, cantando junto de uma banda que amamos; ou caminhar sozinho por uma passagem de montanha iluminada pelo sol; ou saborear uma comida tão deliciosa que gera um som involuntário de adoração gastronômica de algum lugar dentro de nós. Sabemos em primeira mão, por meio da arte, da música, do amor, do sexo, da natureza e dos relacionamentos, que há uma “coisa” além da coisa, que esta vida não é apenas o que podemos ver, sentir e saborear. Quanto menos dependermos de um edifício para

DEPENDER MENOS
DE UM ESTABELECIMENTO



UM SANTUÁRIO
EXPANDIDO

replicar, por uma hora, no domingo, o encontro transcendental que temos enquanto vivemos essa vida, mais capazes seremos de entender o mundo como sagrado, de abraçar a verdade de que o lugar onde estamos é sempre o solo sagrado — é aí que estaremos, para sempre, nas pequenas coisas, se prestarmos atenção. Quando você começa a tirar Deus da caixa, pode se sentir desconfortável na igreja ou na religião, porque esses lugares começam a parecer restritivos à sua alma. As orações podem não soar mais como verdadeiras, os credos podem parecer pesados e os sermões começam a soar alarmes de hipocrisia. Estas são as dores de crescimento, de perceber que tudo o que nos mantém caminhando nesta vida é mais do que a velha história que você aprendeu e memorizou; vai além das fronteiras que você mapeou. É quando você descobre que Deus deixou o edifício e que, talvez, você também precise deixar.

Capítulo 2

HISTÓRIAS DE NINAR ASSUSTADORAS

Um dos dilemas iniciais e principais que enfrentamos ao aceitar a crença, de qualquer nível, em uma presença divina é decidir o caráter e o objetivo dessa presença: ela está, em essência, a favor ou contra mim? Estou seguro em sua companhia ou minha punição é iminente? Sou amado como sou, ou sua afeição por mim depende de meu comportamento ou minha convicção? As respostas a essas perguntas, geralmente, nos são transmitidas antes que possamos nos lembrar de recebê-las, e é por isso que elas são tão difíceis de ver com objetividade.

Crescendo como um bom garoto católico, lembro-me de inalar o incenso pungente pairando no ar do nosso enorme santuário gótico; recordo-me de ajoelhar no genuflexório, com uma almofada macia de veludo vermelho, apoiar meus cotovelos no assento duro de madeira polida à minha frente e olhar para cima para um dossel com vitrais e pedras. Rezava para um Deus que falou “que se faça a luz”, criou o ser, e tem contado todos os fios de cabelo da minha

cabeça. Deus esse que me adorava totalmente, mas cuja ira nunca estava longe. Eu sabia que era amado completamente, contanto que eu não estragasse tudo nas infinitas maneiras que parecia possível fazê-lo: roubando, mentindo, me masturbando, ouvindo Ozzy Osbourne ou votando um dia nos Democratas. Como resultado, com frequência eu rezava: “A quem devo temer?”, enquanto, com razão, ficava horrorizado. Ensinaaram-me que Deus era, ao mesmo tempo, inabalável no amor e facilmente irritável, e nenhum adulto ao meu redor parecia nem um pouco perturbado por esse paradoxo. E, a despeito da minha confusão, me disseram para compartilhar esse Deus com os outros: garantir que amigos, parentes, colegas e estranhos aceitassem abertamente o Seu amor ilimitado. Assim, Ele não os pulverizaria ou lançaria uma praga em suas casas (o que quer que aquilo fosse).¹ Eu precisava resgatar as pessoas da tormenta eterna antes que Deus retornasse para julgar a mim e a toda a humanidade; uma tarefa difícil para um aluno da primeira série. Quase meio século depois, eu ainda trago resquícios desse passado comigo.

Como adulto, você já pensou a respeito das conclusões que mantêm sobre essas questões elementares acerca do caráter de Deus e como você as adquiriu? Como você descreveria, especificamente, quem ou o que você acredita que reúne tudo isso? O que esse Deus pensa e quer de você e para você? Você já deve ter pensado. A sua capacidade de amar a si mesmo e o próximo é, de muitas maneiras, um produto dessas conclusões; eles compõem os *o quês* e os *porquês* da sua espiritualidade. Se derivamos as respostas de um texto sagrado, da experiência de vida, da nossa comunidade, da tradição religiosa ou de alguma receita inteiramente única de cada uma delas, essas respostas ditam nosso senso de identidade e amor-próprio, nos orientam no mundo e nos dão um propósito. Elas fornecem um filtro para entendermos o sofrimento e as circunstâncias favoráveis (estamos sendo amaldiçoados, testados ou abençoados?),

e também determinam como exercemos nossa religião à medida que encontramos outras pessoas. Essas respostas formam a teologia funcional de nossas vidas comuns.

Um conjunto de respostas produzirá uma benevolência esperançosa e compassiva que, continuamente, nos leva a acolher o próximo e a viver com uma generosidade magnânima. Enquanto isso, o outro conjunto provavelmente construirá um julgamento mordaz, que nos deixa predispostos a excluir e propensos a repreender. (Com certeza, todos residimos em algum lugar entre esses dois polos opostos.) A religião punitiva, dentro da qual a maioria de nós foi criada e, talvez, nos aproximado mais, muitas vezes prega um evangelho condicional de boas e más notícias, em que as coisas parecem promissoras atualmente, mas esse conceito inevitavelmente acaba sempre fadado a cair. Sim, Deus nos ama inquestionável e efusivamente (dizem), mas há ressalvas e condições sob as quais ganhamos e mantemos esse amor. São pré-requisitos para pertencer a Deus e ao Seu povo, as contas morais precisam estar liquidadas para ser plenamente bem-vindo. Pode ser útil deixar para trás essas histórias assustadoras de nossa infância, porque elas criam adultos aterrorizados; e adultos aterrorizados, historicamente, não sabem amar direito.

Por fim, a maior barreira, em minha recente jornada para encontrar um Deus mais compassivo e ser um melhor reflexo desse Deus no mundo, tem sido a voz familiar, em minha cabeça, que me diz que Deus está zangado comigo por não acreditar mais em uma história que agora soa, de fato, sem amor aos meus ouvidos. Ou por me opor a uma igreja que, muitas vezes, parece antiética para Jesus.

TEMER A DEUS



TEMER AOS
OUTROS E FAZÊ-LOS
TEMER

Eu tive que perder muito de minha religião antiga para descobrir que Deus a superou, e as coisas não são tão simples como eram antes. Suponho que esse também seja o perigo de imaginar um Deus melhor e de repensar o que realmente significa amar o próximo: corremos o risco de nos imaginar fora de uma crença confortável.

Há uma epidemia dessa turbulência interna agora, como resultado de uma epidemia *real*. No meio de março de 2020, o surto de coronavírus nos EUA rapidamente floresceu de uma nota de rodapé global e distante para uma emergência gritante à porta. À medida que os casos começaram a crescer rapidamente e a gravidade da situação se tornou clara, tudo mudou, quase da noite para o dia. Em um período de apenas doze horas, a Disney World fechou, os torneios de basquete da NCAA foram cancelados, todos os esportes profissionais adiaram suas competições, turnês nacionais e internacionais foram interrompidas e viagens vindas da Europa cessaram por trinta dias (na época). Os cultos da igreja foram cancelados, as escolas foram fechadas e expressões coletivas usuais de comunidade de repente se tornaram inexistentes. Os ritmos normais da vida foram interrompidos para todos nós, o que foi genuinamente desorientador. Foi como tentar se sentir seguro no meio de um terremoto: não havia nada estável para ficar em pé. As mudanças implacáveis, atualizações conflitantes e informes de noticiários eram difíceis de acompanhar. Podia-se ver a tensão se espalhando em lojas e estacionamentos, enquanto as pessoas lutavam freneticamente para reunir coisas como desinfetante de mãos, lenços umedecidos e papel higiênico, que de repente passaram a valer mais do que ouro no mercado negro online.

Criado como cristão, me lembro de ler sobre João Batista dizendo a seus alunos e àqueles que seguiriam os caminhos da compaixão, misericórdia, justiça e amor: “Aquele que tiver duas

camisas deve compartilhar com aquele que não tem nenhuma, e todo mundo com comida deveria fazer o mesmo.”² Pensei nisso enquanto observava uma mulher esgotada, com um carrinho de compras cheio de papel higiênico, sem vontade de ceder um único rolo para outra mulher que estava implorando a ela por isso. “Este é o último pacote da loja e nós só precisamos de alguns rolos”, ela disse à estranha. “Por que não rachamos o preço e compartilhamos o pacote?” A mulher com o carrinho riu e saiu correndo. (Amar ao próximo assim como a si mesmo aparentemente não se aplica ao último precioso pacote de duas camadas.)

Agora, não vou assumir que a mulher com o estoque enorme e oscilante de Charmin (marca de papel higiênico) era uma seguidora professa de Jesus, mas imagino que muitos supostos crentes nos EUA estavam igualmente perdendo a sua prática religiosa naqueles momentos, e nas semanas e nos meses que se seguiram. Milhões de seres humanos — que há apenas alguns dias teriam pregado um Deus de abundância e recitado as Escrituras sobre pessoas na igreja primitiva que compartilhavam todos os seus pertences³ — estavam dando safanões em estranhos por lenços umedecidos e preparando-se para leiloar órgãos vitais na dark web, em troca de uma garrafa de higienizador de mãos. Durante os dias iniciais de crise, vários autoidentificados seguidores de Jesus viram sua fé estendida ao limite pois, na verdade, tiveram que colocar seu dinheiro onde suas orações e canções estavam. Uma coisa é dizer que você acredita em amar o próximo como a si mesmo, enquanto está em um prédio em um domingo, quando está tudo bem com a sua alma. Outra, completamente diferente, é quando você está em pânico no meio de uma loja lotada, cara a cara com o próximo desesperado porque não quer que seus filhos tenham que se limpar com folhas secas e guardanapos. É fácil ficar com os braços estendidos e cantar “It is well with my soul” (Está tudo bem com a minha alma) alegremente, mas é muito mais desafiador ver seu plano de aposentadoria

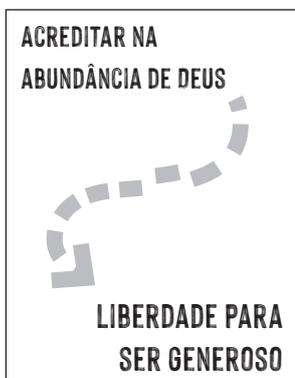
evaporando, seu calendário sendo triturado em tempo real e sua despenha se esvaziando, e sua voz não tremer. Momentos aterrorizantes tendem a revelar sua religião verdadeira, em oposição à que você alega ter. É quando o seu eu *real* aparece, e quando o Deus em quem você realmente crê está presente e é revelado com precisão. Tempos de crise também ocorrem quando você descobre o quanto ama ao próximo, o quão desamorosos os próximos podem ser e o quão perto do desespero todos nós estamos. Agora, eu sempre mantenho papel higiênico em meu carro, para emergências.

Mas, sem uma pandemia para trazê-los à superfície, vejo muitos cristãos aterrorizados nos EUA todos os dias, fazendo uma exibição de piedade que mascara o quão aterrorizados eles de fato estão. Esses fiéis assustados têm um problema espiritual profundo e fundamental: o Deus deles é, simplesmente, muito pequeno. Embora suas palavras sejam sobre um Criador imensurável e com amor sem limites, na realidade adoram uma divindade feita à sua própria imagem: branco, norte-americano, republicano, masculino — e perpetuamente aterrorizado por muçulmanos, imigrantes, ciência, crianças gays, relatórios de promotores, mandala, Harry Potter, copos promocionais do Starbucks, ioga, turbinas eólicas — tudo. Enquanto eles declaram o poder impressionante de Deus em todas as oportunidades, sua postura defensiva desmente essa confiança. Parecem sentir a necessidade de armar-se até os dentes e de construir muros impenetráveis para proteção, certos de que os outros lhes fazem mal e querem tomar o que é deles. Eles querem ser aqueles que vão mudar os casais gays e adolescentes transgêneros, porque não confiam em Deus para trabalhar com as pessoas como Ele deseja. Eles parecem sobrecarregados com acúmulo de riquezas, seguro de saúde e oportunidades; isso ocorre porque, subconscientemente, suspeitam que o Deus que alegam ter transformado água em vinho e alimentado milhares com alguns peixes e sobras de pão possa

não ser suficiente para todos. Eles estão preocupados com outras tradições religiosas terem voz, com temor de seu único e verdadeiro Deus se ofender por pessoas que o adoram de maneiras diferentes.

Não presumo que esses cristãos sejam menos autênticos ou fiéis do que eu. Eu sei que eles acreditam sinceramente em Deus, oram a Deus com paixão e servem a Deus com fervor inabalável. O problema é que o Deus deles é muito pequeno e, enquanto eles estiverem orientados para uma divindade tão pequena e superável, continuarão a ter uma religião marcada mais pelo medo do que pelo amor; e isso simplesmente não é bom para ninguém. Sinto pena deles e do mundo que tem que ser submetido à sua teologia de bolso, quando há um espaço amplo esperando por eles. Eu espero, e rezo para que essas pessoas logo encontrem um Deus grande o suficiente para que elas deixem de viver de forma tão pequena, para o bem delas e para o nosso. As pessoas merecem um Deus que ame o mundo, não um que escolha a América Primeiro; um cuja criação comece sem divisões, fronteiras e muros, porque há somente uma comunidade interdependente. As pessoas merecem um Deus que tocou o leproso, curou os doentes, alimentou os famintos, abriu os mares e ressuscitou os mortos — não um ídolo trêmulo que constrói muros, elabora leis de banheiro e lança cruzadas nas redes sociais contra famílias migrantes. As pessoas merecem um Deus que não é branco, nem homem, nem cisgênero, nem heterossexual ou republicano — porque qualquer outro Deus não é grande o suficiente para ter o título ou merecer qualquer reverência.

Desde que os alarmes de pandemia foram acionados pela primeira vez pelas autoridades de saúde, duas cenas se repetiram na minha linha do tempo nas redes sociais: fotos e vídeos de prateleiras vazias de mercearias e de filas enormes e serpenteantes de pessoas, visivelmente abaladas, empurrando carrinhos de compras cheios até transbordar. Conforme via a falta de oferta e o pânico da



demanda se misturando, não pude deixar de pensar na instrução de Jesus aos seus seguidores para orarem pelo “pão de cada dia”: não o pão para um mês ou um ano, mas de cada dia, pela refeição necessária naquele momento.⁴ Com certeza, ele poderia ter dito de forma diferente naquela época, se seus ouvintes tivessem geladeiras de duas portas e um freezer na garagem — mas a base dessa oração é a garantia de sustento, de provisão,

de suficiência. É uma oração de petição, apenas para o que é necessário para enfrentar o presente, que não é como gostamos de viver durante uma crise. Nesses momentos, queremos obter o máximo de pão que pudermos.

É tentador nos anteciparmos quando a adversidade aflora. Se formos honestos, em nossos melhores dias, uma terrível sensação de escassez está sempre pairando na periferia de nossas mentes, e estamos sempre lutando para mantê-la sob controle, tentando, sem cessar, descartar os pesos dos *e se*. Nós nos preocupamos de não ter o suficiente nos armários, que o dinheiro acabe, que percamos terreno, com a escassez — mesmo que o privilégio e a prosperidade protejam muitos de nós de tudo, exceto de uma remota possibilidade de muitas dessas coisas realmente acontecerem. Sim, queremos declarar corajosamente que *Deus provê*, mas também queremos acumular coisas suficientes para nos segurar por alguns meses, caso Deus não proveja — mesmo que tenhamos que construir celeiros maiores,⁵ alugar espaços de armazenamento ou jogar fora coisas perfeitamente boas para acomodar tudo. Mateus, no capítulo 10 da biografia sobre Jesus, registra seu professor lembrando aos ouvintes, que estão propensos a se preocupar, que, se Deus atende aos pardais (que valiam meio centavo no mercado aberto), podemos ter certeza de que também recebemos esse grande cuidado, dada a